

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº15 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

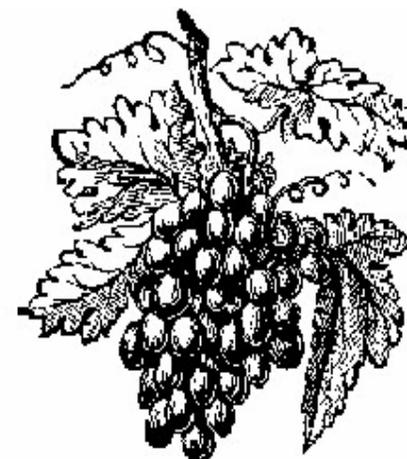
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

15



ENFRENTANDO O BICHO HOMEM

NILZA MENEZES



Buscando apreender falas femininas, de diversas mulheres de diferentes classes sociais, apresentamos a voz da Mazarelo, uma voz embutida, representativa, relacionando passado com presente e o processo atual (Bosi, 1994: 9) sendo esse passado um amálgama vivo e ficcional que se apresenta inteiro, fragmentado, esgarçado, inexistente, recriado, distorcido, lúcido, múltiplo e vivo naquilo que o narrador entende como presente (Caldas, 1999: 22).

Seu discurso trabalhado pela consciência adquirida com o passar do tempo apresenta uma mulher que buscou seu lugar de acordo com os discursos feministas da época, apresentada com a ficcionalidade que se aloja dentro da memória (Caldas, 1999: 60).

Maria Mazarelo

Para poder contar minha vida, eu tenho que começar da minha infância, pra poder chegar até a minha liberdade. Minha infância, não posso dizer que tenha sido sofrida, mas foi com muito preconceito.

Eu sou filha de uma mãe solteira, não prostituta, mas de uma mulher sozinha que batalhou muito pra chegar até aqui e tem uma vida muito bonita que eu achei, assim que eu me entendi por gente eu achei muito bonita a história dela.

É o seguinte, eu aos meus sete anos eu não fui uma menina de muito luxo, mas tive o carinho dos pais estudei em bons colégios, mas não tive aquela vontade de estudar, eu sempre tive vontade de ser dona de casa, mãe, ter um esposo, sonhava com a casa arrumada. Foi uma coisa muito bonita, foi muito bonita, cheguei até os meus quinze anos e estudei apenas até a 5ª série depois eu não quis mais estudar.

Fiquei apaixonada por um homem que morava ao lado da minha casa, e os pais daquele tempo eles queriam que a moça casasse com um rapaz que tivesse futuro, mas eu não queria saber de futuro eu queria ser feliz. Meus pais implicaram muito que ele era vagabundo, daí, eu sou uma mulher que toda vida gosto de viver aquilo que é mais perigoso, não tenho medo e então eu fugi com ele, não foi nem ele que fugiu comigo, eu fugi com ele, fugi, me casei, tive meus cinco filhos e batalhei muito pra chegar até 21 anos de casada.

Sofri muito, mas sempre fui uma mulher pra cima, nunca chorando, implorando pra onde ele ia pra onde deixava de ir, sempre cuidando de mim, Eu trabalhava fora, em casa de famílias, mas nunca dei demonstração pra ninguém que eu era uma lavadeira ou uma empregada doméstica. Sempre elegante, tinha meus cremes, minhas roupas boas, participava em lugares bons sociais e a minha vida foi legal, durante os 21 anos de casamento, hoje sou uma funcionária pública de forma que eu consegui a me liberar e tudo começou assim, eu vou contar essa história é boa. Uma vez eu estava na minha casa, e passou um homem

vendendo livros, e eu senti que os meus filhos tinham necessidade daqueles livros. Meu marido era empregado da Ceron. Quando ele chegou falei pra ele que tinha comprado os livros e ele falou que eu é que iria pagar, que eu que desse meu jeito pra pagar. Eu apenas fiquei calada, também não abaixei minha cabeça, eu não devia nada a ele.

Quando foi no outro dia, amanheci o dia me arrumei, me arrumei bem arrumada mesmo, não fui procurar emprego vestida como uma peregrina não. Se tivesse que me dar emprego era daquela forma. Fui bem arrumadinha, sapato alto, o cabelo bem arrumado com roupa bem feita mesmo, não foi trapo não. Ai quando eu cheguei numa clinica que tinha na Tenreiro Aranha, era a clinica Sta. Helena. Sai de manhã cedinho não avisei ora aonde ia, eu andei e acabei nessa clinica, quando eu cheguei lá tinha pra mais de 20 mulheres para uma vaga de limpeza, sorri pra todas, mas pensei: vou ficar aqui que esse emprego é meu.

Foi entrando uma, entrando outra, até que chegou a minha vez a mulher olhou pra mim e disse: você fica. Eu pensei, será que é porque ela me viu arrumadinha e pensa que eu não vou dar conta. Do jeito que estava ali já fiquei trabalhando. Trabalhava o dia todo, até a noite, só ia ter folga no outro dia. Eu saí de casa sem avisar nada, mas arranjei esse emprego e só fui pra casa no outro dia de manhã.

Quando eu cheguei em casa estava o marido e meus filhos na mesa tudo chorando. Quando cheguei, ele perguntou onde eu estava, o que eu estava fazendo e eu respondi: Olha, comprei os livros e você disse na minha cara que não ia pagar e eu mostrei a você que eu vou pagar. De hoje em diante eu vou trabalhar e você vai ficar dentro de casa junto com seus filhos.

Ai ele implorou não queria que eu trabalhasse naquele horário e mais coisas, mas eu disse: isso é pra você nunca mais duvidar de mim, do que eu sou capaz. Não pense você que porque eu sou calada eu aceito tudo, estou estudando o que eu vou fazer. Ai tudo bem eu parei o trabalho, ele disse que ia pagar e eu disse: não, eu vou entregar os livros. Ai nesse momento eu vi que eu podia ter um emprego lá fora, eu não queria ser uma inútil.

Procurei e arranjei um emprego no Tribunal. Tem doze anos que eu trabalho e sempre lutei. Meu marido teve um bom emprego, chegou a ter bons cargos na Eletronorte, quando ele estava bem, tinha conseguido aquilo que ele sonhava ele me chutou. Ele achou que eu não era mais uma pessoa suficiente pra ele. Pra ele chorar, pra ele lamentar.

Meu marido viajava muito passava mês fora de casa e eu trabalhando não querendo acreditar, fazendo de tudo pra agradar. Foram vinte e um anos de casados que nós tivemos e ele nunca perguntou onde estava a meia dele e agora quando ele fez tudo isso, quando estava no auge, quando ele achou que não precisava mais da família, chegou a me dizer que queria viver a sua vida.

Ela, uma mulher de idade, achou que com ele que tendo um filho ele ia ficar com ela, nem pensou que ele estava abandonando cinco. Hoje ele nem está mais com ela. Hoje ele fala que eu era uma mulher. E eu disse: eu nunca fui tua mulher. Fui tua empregada. Você não casou comigo, eu casei com você. Que ele nunca tinha me amado.

Eu disse pra ele: vocês homens são cabeça, tronco e burrice. Ele não quis entender. Eu ainda disse: é só você olhar pra traz que você vai ver tudo isso aí que você está fazendo. Hoje em dia eu tenho cinco filhos. Batalhei pela pensão, mas eu trabalho, meus filhos estudam, graças a Deus nenhum é marginal. Tenho duas filhas que tiveram filhos, mas eu não aceito ficar com filho de ninguém. Neta é apenas neta. Alimentação, saúde é ela quem corre atrás. Eu ajudo, agora ela é quem cuida. Quem gosta da gente é a gente mesmo, mas eu amo meus filhos.

Eu sou de Porto Velho, aqui em Rondônia, nasci na maternidade Darci Vargas, fui registrada aqui. Nasci dia 09 de março de 1957, nunca sai daqui. Meu marido, eu estou separada, é de Rio Branco. Minha mãe, depois que teve eu, ela foi acolhida por uma família daqui de Porto velho, e ela foi morar com essa família e a mim também, e ela, bem os pais dela são paraibanos e não aceitavam bem as coisas. Minha mãe me teve de um soldado, soldado naquela época não casava.

Minha mãe com 15 anos ela perdeu a mãe dela, o pai dela já era aquele homem, ele bebia, não queria saber dos filhos não queria saber de nada e ela para sobreviver tanto ela quanto os irmãos, ela teve que trabalhar em casa de família, fazer serviços em troca de um prato de comida até pra trazer para os irmãos que ficavam em casa esperando pro ela. Então ela diz que quando ela encontrou uma pessoa ela se entregou. Ela achou que ele ia ter um homem pra sustentar ela pra ela sair daquela vida e até poder ajudar os irmãos. Naquela época soldado não casava, ele nunca deixou de ajudar.

Meu avô queria matar meu pai, ele teve que ir embora de Porto Velho. Eu não sei o nome dele, a minha mãe apenas me falou, mas não chegou a contar a história do meu pai. Não cheguei a conviver com meus avós. Quer dizer, a mãe da minha mãe morreu antes do meu nascimento. Eu era uma neta ignorada, porque eu era filha do pecado. Meu avô quis esfaquear ela. Minha mãe saiu de casa, não casou, depois ela chegou a se casar, vive com ele até hoje, são vivos. Ela, a minha mãe tem uma história muito bonita.

Eu hoje em dia não consigo mais amar, mas eu consigo me dar bem com as pessoas. Eu gosto de ser compreendida. Ninguém nesse mundo é sabido. Ninguém nesse mundo sabe tudo, mas aprende no dia a dia. É no dia a dia que a gente aprende.

O que ela chama de sua história de vida é apresentada trazendo de frente as histórias das mulheres da sua família. Sua avó, sua mãe e suas filhas. Os homens são coadjuvantes e exercem sempre o papel de maus. Seu avô maltratou sua mãe, seu pai ela não conheceu, e seu marido foi o homem a quem ela serviu e com quem teve filhos.

Mazarelo tem uma história para ser contada, uma criação pessoal, uma construção polifônica da sociabilidade (Caldas, 1999: 62) onde ela trabalha os discursos femininos. O discurso é conhecido, mas poucas mulheres conseguem dar esse salto, virar do avesso o conto de fadas. A grande maioria se sente culpada pelo sonho fracassado. Sente vergonha em assumir que deu errado e insiste, como se tivesse a obrigação de fazer dar certo.

Para Mazarelo não, ela retirou da sua história a fraqueza. Trabalha sua fala na vontade da verdade (Foucault, 1999: 17), sabe que ser forte, enfrentar o bicho homem é uma forma de sobreviver. Atacar é uma maneira de evitar ataques e ela prefere ser fera para não ser a presa, mesmo que para isso tenha que viver espreitando a vida.

Os homens das mulheres da sua família foram apenas presenças físicas. Nenhuma mulher da sua família foi feliz porque teve um homem. Sua mãe escreveu sozinha sua própria história. Mesmo assim Mazarelo até sonhou em ter uma casa, ser a dona da casa, em ter um espaço seu, e naquele momento o construiu com um homem dentro. Buscou uma história diferente daquela que sua mãe viveu.

Ela não quis estudar porque queria ser dona de casa e acabou por descobrir que era necessário ter um emprego, ter uma ocupação além da de ser dona de casa, até porque ela entendeu que “dona de casa” não é a dona da casa.

O que ela chama de sua história de vida traz esse discurso por onde ela conduziu a sua vida após ter adquirido a consciência necessária para uma vida independente do homem. Ela aprendeu a lutar pela vida no momento em que seu marido a humilha dizendo que não iria pagar os livros que ela adquirira para os filhos de ambos. Fossem aqueles livros necessários ou não, serviram para que Mazarelo pudesse enxergar quanto era controlada. Não podia decidir nem mesmo sobre a compra de livros que um vendedor lhe seduzira dentro do seu espaço de “mando”, sua casa.

O conto das fadas não se apresenta na vida de Mazarelo porque ela retirou do seu discurso o sonho, selecionou seu arquivo de memória (Caldas, 1999: 58). Sua história hoje é para ser contada. Sabe que já pode usar passagens que antes poderiam causar choque, mas que hoje é até mesmo uma forma de orgulho, como forma de mostrar o quanto foi forte e venceu na vida. Mazarelo sabe que a sua história de vida, a história que ela apresenta da sua vida é de mulheres vencedoras, fortes e livres. É o conto de fadas ao avesso, é o avesso do sonho e que serve de modelo para as tantas mulheres que vivem histórias como a que ela viveu. Subjugadas aos maridos, enclausuradas nos seus castelos “casas” pedindo dinheiro para comprar objetos para uso da família.

Mazarelo enfrentou o bicho homem e descobriu não por busca mas por queda livre no abismo que pode ser homem e mulher.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

BURGOS, Elizabeth. **ME LLAMO RIGOBERTA MENCHÚ Y ASÍ ME NACÍÓ LA CONCIENCIA**. Siglo Veintiuno, México, 1987.

CALDAS, Alberto Lins. **ORALIDADE TEXTO E HISTÓRIA**. Loyola. São Paulo. 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ORDEM DO DISCURSO**. Loyola. São Paulo. 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 1996.

VIEZZER, Moema. **“SE ME DEIXAM FALAR...”**. Global, São Paulo, 1984.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A REVOLUÇÃO DA ESCRITA NA GRÉCIA: E suas conseqüências culturais

ERIC A HAVELOCK
PAZ E TERRA/UNESP

RESUMO: A fala iletrada favorece o discurso descritivo da ação, a pós-letrada alterou o equilíbrio em favor da reflexão. A sintaxe do grego começou a adaptar-se a uma possibilidade crescente de enunciar proposições, em lugar de descrever eventos. Este foi o traço fundamental do legado do alfabeto às culturas pós-letradas.

SUMÁRIO: O oral e o escrito; o som da fala e o signo escrito; os silabários pré-gregos; o alfabeto grego; a transcrição do código de uma cultura não-letrada; a natureza e o conteúdo do código; a antiga arte da poesia oral; a transcrição alfabética de Homero; os gregos antes da escrita; Hesíodo pensador; os pré-socráticos e a cultura pré-letrada; a composição oral do drama grego; conseqüências do alfabeto.

Áreas de interesse: Filosofia, História, Letras, Educação

Palavras-chave: história, Grécia, análise do discurso, escrita, oralidade